

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

A IDENTIDADE PERDIDA: O CORONEL CHABERT E A FRANÇA PÓS REVOLUCIONÁRIA

THE LOST IDENTITY: COLONEL CHABERT AND POST-REVOLUTIONARY FRANCE

Larissa Ribeiro Marques¹

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão contemporânea sobre a novela *O Coronel Chabert* de Honoré de Balzac, primeira publicação em 1832 e publicação definitiva em 1844. Este trabalho partiu do contorno específico entre a literatura e a história para valer-se da reflexão desse contravento entre subjetividade e política no seio de uma sociedade pós revolução. Para tal, a reflexão busca o aporte do texto *Por que Ler os Clássicos?*(1993) de Italo Calvino e o texto *A Literatura Nunca é Apenas Literatura*(1994) de José Alexandre Barbosa. Diante de enredos diversos, as sociedades buscam vozes emergentes para questionar o lugar político das elaborações sociais, a novela é usada como aporte para refletir as imagens simbólicas em torno da batalha de Eylau e como ficou marcada a subjetividade dos sujeitos inseridos nessa trama social.

Palavras-chave: Subjetividade. Balzac. O coronel Chabert. Identidade.

Abstract: This work proposes a contemporary reflection on the novel *O Coronel Chabert* by Honoré de Balzac, first published in 1832 and definitively published in 1844. politics within a post-revolutionary society. For this, the reflection seeks the contribution of the text *Why Read the Classics?* (1993) by Italo Calvino and the text *Literature is Never Just Literature* (1994) by José Alexandre Barbosa. Faced with different plots, societies seek emerging voices to question the political place of societal elaborations, the telenovela is used as a contribution to reflect the passing images around the battle of Eylau and how the subjectivity of the subjects inserted in this social plot was marked.

Keywords: Subjectivity. Balzac. Colonel Chabert. Identity.

1 Introdução

"(...) Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de

¹ Licenciada em Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS. Email: larissarimax@gmail.com.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural, nada deve parecer impossível de mudar" (Bertolt Brecht²).

Na literatura é possível ler a vida em consonância com as nuances sócio políticas, não em um espaço mimético, mas como uma elaboração de um questionamento da imagem de um espelho que está dado como ideal para todos. As possibilidades de alcance do presente e do porvir tem um ressoar no passado, a leitura de textos históricos proporciona um olhar apurado para a nossa relação com o mundo e as construções sociais que regem as relações humanas. Sendo assim, os sintomas do real alçados pelos voos literários produzem a possibilidade de olhar a vida do lugar de questionamento sobre o que está posto e quais caminhos possíveis para pensar o lugar de alteridade.

Ler Balzac, no século XXI, é uma possibilidade de ouvir os ecos da história nas organizações atuais da sociedade. Quais lugares de servidão a nova república dissemina para os novos revolucionários? Quais emergências aparecem de acordos desumanos e auspiciosos? O que seria o sujeito diante das incógnitas deixadas pelo poder estrutural? A literatura com seu caráter simbólico abre resposta para essas possíveis incógnitas. A literatura não seria a resposta, mas a possibilidade da elaboração das diferentes visões para elaboração de novas perguntas.

Nas Ciências Humanas há tempos se tem discutido o papel da literatura e sua possibilidade de questionar o imaginário social. No que tange às reflexões da importância da literatura, tomaremos emprestado o que José Alexandre Barbosa defende no texto *A Literatura Nunca é Apenas Literatura* quando afirma.

A literatura nunca é apenas literatura; o que lemos como literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura. No entanto, esses elementos ou níveis de representação da realidade são dados na literatura pela literatura, pela eficácia da linguagem literária. Então, entre esses níveis de representação da realidade e sua textualização, seu aparecimento enquanto literatura, há um intervalo – mas é

² BRECHT, Bertolt. *Antologia poética*. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

um intervalo, como na música, muito pequeno e que é preciso ser muito rápido para perceber (BARBOSA, pg 23. 1994).

Sendo assim, diante das raízes hermenêuticas que a literatura proporciona, esse trabalho não quer esgotar as reflexões em torno do texto lido, mas produzir mais um caminho de análise para fundamentar um olhar do romance e sua leitura na contemporaneidade. Para isso, este trabalho busca as gotas de tinta da pena que pintou essa viagem do tempo nos sintomas que reverbera na ferida do hoje.

2 Coronel em crise - a transversalidade balzaquiana

O escritor Francês Honoré de Balzac nasceu em Tours na França, em 20 de Maio de 1799, e morreu em Paris, em 18 de Agosto de 1850. Apesar de ser formado em Direito, obteve êxito e reconhecimento com a sua vida de escritor. Apesar dos altos e baixos financeiros, ele continuou o processo de escrita e foi um grande entusiasta do seu tempo, retratou com vigor a sociedade francesa e os papéis da burguesia do século XIX.

A grande crítica analisa Balzac como o pai do Realismo moderno pela sua escrita marcada pelas questões psicológicas e sociais da sociedade francesa da época. Existe em Balzac a possibilidade de leitura do tempo, assim como aponta Roland Barthes,

[...]a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por um lado, ele permite designar saberes possíveis — insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovizionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega (BARTHES, pg 17, 1977).

Balzac escreve na França do XIX, os confrontos entre França e a Rússia ao lado do reino da Prússia é marcado por um momento de muita morte, mas pouco elaborada do lugar de desalento dos sujeitos envolvidos nessa trama. As narrativas sobre a batalha de Eylau são,

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

em sua grande maioria, marcadas pela narrativa do empate, que não gerou grandes mudanças políticas. A escrita de Honoré de Balzac realinha imagens de uma crise não só de ordem social, mas de reflexão humana quanto à esfera de um povo que movimenta sua vida diante da elaboração do imperador Napoleão Bonaparte. O espaço refletido na narrativa mostra como a literatura proporciona um olhar sobre a permanência dos moldes sociais, na reflexão da vida em sociedade. Neste caso, retoma o que Italo Calvino escreveu em *Por que ler os Clássicos?*

Talvez o ideal fosse captar a atualidade como o rumor do lado de fora da janela, que nos adverte dos engarrafamentos do trânsito e das mudanças do tempo, enquanto acompanhamos o discurso dos clássicos, que soa claro e articulado no interior da casa. Mas já é suficiente que a maioria perceba a presença dos clássicos como um reboar distante, fora do espaço invadido pelas atualidades como pela televisão a todo volume” (CALVINO, pg 15. 1993).

Para além de romances, Balzac escreveu estudos analíticos e filosóficos e obteve sucesso com *A Comédia Humana*, que foi um compilado de novelas públicas ainda em vida. Em forma indicativa, o escritor testemunha o seu tempo e reproduz a realidade tal qual ele vê, fazendo um retrato da sociedade e mostrando as mazelas sociais.

Segundo Humberto Oliveira defende,

Vitimada pelo “câncer moral” que atingiu, Rose Ferraud, ex Chabert, née Chapotel desempenha o papel de intermediário entre o povo (Chabert) e a nobreza.(Ferraud) que, com a Restauração, tendo recuperado os privilégios, cuidava de afastar da cena política essa massa incontável, sem rosto e sem forma, anônima multidão cuja voz devia ser de novo amortecida, já que a Revolução de 1789 lhe havia retirado do estágio de afonia. A narrativa, portanto, não permite o encontro entre maridos, representativos de suas classes sociais antagonizadas, e, desse modo, o texto balzacien. ao descrever a ascensão social e econômica do conde Ferraud, graças ao sacrifício desta personagem patética em que se transforma essa figura precocemente envelhecida de Chabert, recria metaforicamente no texto literário uma página da história social francesa, quando uma burguesia ávida de lucros e riquezas assegura-se do poder despoja de esperanças as camadas populares

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

que, ingenuamente, contribuiriam para suas ascensão(OLIVEIRA, p 45. 1999).

Apesar da vasta crítica, é importante relatar que ele foi um escritor capaz de criar tipos humanos representativos de uma sociedade conflituosa e agitada, que começava a tomar forma no pós guerra. Diante da relação entre arte e sociedade, o escritor cumpriu fielmente o trabalho de anunciar as representações das classes sociais através de seus personagens.

3 O coronel chabert

A novela O Coronel Chabert, que integra a Comédia Humana³, conta a história de um coronel dado como morto depois da batalha de Eylau. Durante esse tempo, ele estava sobre os escombros dos mortos na guerra. Em vias de crítica literária, é importante observar essa cena do escombros dos mortos, Quem seriam esses silenciados pela morte em guerra? O que significa esse ressuscitar do coronel? Eis uma possível reflexão sobre o remontar dos silêncios, que tanto significa, se bem souber analisado, em seu momento de enunciação. O coronel seria só mais um dos que ficariam desaparecidos e sem elaboração de si, mas a literatura com seu saber sobre o mundo, deixou esse lapso de imagem simbólica que recoloca o pensamento da importância de notificar e ouvir as vozes dos que ficaram para contar a história. Apesar de ter ficado sobre os escombros, ele sobreviveu, mas com escarificações. Não obstante, simbolicamente, com a sua cabeça aberta, o que deixa incógnita sobre a nova visão que ele precisará ter com essa “ressureição”.

³ O escritor francês Honoré de Balzac intitulou de “La Comédie Humaine”, o seu último conjunto de obras.

Para Paulo Rónai, que organizou as obras de Balzac em língua Portuguesa, A comédia Humana “abrange 88 romances e novelas, as quais, embora formem outras tantas obras acabadas e independentes entre si, constituem – conforme as intenções do escritor – uma obra única”(RÓNAI, 2012, p. 16).



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

En ce moment, je m'aperçus que j'avais la tête ouverte. Par bonheur, mon sang, celui de mes camarades ou la peau meurtrie de mon cheval peut-être, que sais-je ! m'avait, en se coagulant, comme enduit d'un emplâtre naturel. Malgré cette croûte, je m'évanouis quand mon crâne fut en contact avec la neige (BALZAC, p 38. 1964).

Tradução própria:

Nesse momento, eu percebi que tinha minha cabeça aberta. Felizmente, meu sangue, o de meus camaradas ou talvez pode ser a pele machucada de meu cavalo, o que eu sei! Tinha-me, se coagulado, como revestido de um gesso natural. Apesar dessa crosta, eu desmaiei quando meu crânio esteve em contato com a neve.

Entre caminhos tenebrosos, Chabert chega a nova França e encontra a mudança estrutural, que seus olhos não estavam prontos para elaborar. Para além do cenário político, que marca a desordem do século, a sua vida já tinha sido enterrada junto a todos os corpos que ficaram por cima da sua velha e viva carcaça, durante séculos de sofrimento.

Ao chegar na nova França, o velho coronel descobre que sua esposa, herdeira de toda a sua fortuna, já não o esperava mais, já havia casado com o conde Ferraud e tinha dois filhos. Além disso, nem sua casa existia mais. Diante de tamanha surpresa e com a tentativa da sua esposa de enganá-lo para que ele abra mão da sua riqueza, o coronel Chabert resolveu procurar o advogado Derville para tratar suas questões com sua esposa e tentar recuperar a vida “perdida”. O espaço da nova França desassossegou o velho do capote -nome que recebeu do menino de recado que trabalhava no escritório do advogado Derville- O cenário político pós guerra de Eylau marcava uma desordem no século XIX, e essa saída do império é também um marcador da vida desse renascido.

4 A identidade perdida

O que seria a identidade se não o momento histórico determinando qual papel social que o corpo deve ocupar?

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

O que marcou a narrativa não está preso na imagem do triângulo amoroso entre Chabert, Rose Chapotel e o Conde Ferraud. Há nessa trama a possibilidade de ler um jogo semântico do drama histórico em relances com esse romance. A elaboração da França aristocrática onde os papéis sociais se tornam mais enaltecidos do que o convívio social é a marca do declínio sociopolítico. E, não obstante, essa crise também reverbera no mal estar de Chabert, que agora era um morto por não ser reconhecido dentro do seu papel social e sem lugar naquela nova sociedade. Um possível romance de tese em que os comportamentos dos personagens é denunciado pelo momento histórico e as reflexões da perda da identidade em relação ao lugar de poder.

Em outros escritos literários também é possível observar essa relação sobre a tensão do espaço do sujeito e seu fazer social. O conto *O Espelho* de Machado de Assis publicado em 8 de Setembro 1882 - 50 anos depois da primeira publicação de *O coronel Chabert* - a figura de Jacobina só se reconhece como um sujeito social quando está vestido com a farda que lhe dava o título de Alferes, sendo assim, era com a farda que ele saía do não lugar social e tinha reconhecimento também da sociedade da época. Entretanto Jacobina foi perdendo sua subjetividade e a sua relação com a sociedade estava subjugada ao reconhecimento daquele título.

Assim como Balzac, Machado proporcionou uma releitura dos papéis sociais e a necessidade de retomar as noções dos sujeitos inseridos nos enredos sociais. Não obstante, a tendenciosa necessidade de reconhecimento que o coronel almejava, nos primeiros momentos de retorno a França, a ponto de pautar uma disputa judicial com a sua esposa, o que figura uma irônica crítica ao momento social onde o seu lugar foi retirado e sua identidade perdida.. O papel dessa busca pelo seu lugar na França, que já não era a mesmo, não foi de grande elaboração para o velho coronel diante das mudanças estruturais que movimentavam o país.

O lugar da escrita de Balzac é marcado pela França do XIX, o autor mostra características fundamentais da elaboração do sujeito. Sendo essas, Física quando em primeiro coronel era bem paramentado como um militar, que depois de 20 anos sumido vira o

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

maltrapilho velho do capote. Psicológica no que diz respeito à busca por uma identidade. De início o menino órfão que vivia sem identidade em um orfanato e em segundo momento o reconhecimento do militar enquanto honroso coronel das guerras napoleônicas. Por fim, o idoso que perde tudo e não tem mais identidade por não se encontrar naquele lugar social. Em terceiro espaço, é possível experimentar a questão comportamental, o espaço da observação do sujeito para com a sociedade, a desenvoltura para a busca de justiça e até o comportamento final de desinteresse pelo que restou. Sendo assim, denuncia a sociedade desigual que se perpetua, nesse momento o encontro com o que seria retorno ao destino da não identidade, quando ele volta ao asilo.

5 Considerações finais

O Coronel Chabert é um drama psicológico de Balzac que está para além do debate moral em torno do que se configura uma traição, a troca de maridos proporciona um olhar sobre o contato dos dois mundo, da divisão social que influencia as relações humanas. Há em Balzac esse contravento entre subjetividade e política, no seio de uma revolução, há mais do que um ideal afetivo, o que se perde não é a regra do tratado entre as pessoas por causa das desavenças do casamento rompido, a narrativa usa essa traição como uma possível leitura do meio.

O que fica de uma devastação do lugar do sujeito na sociedade do pós guerra é o que esse artigo toma como enfoque para tratar da subjetividade dos envolvidos nessa trama. A guerra de Eylau é mostrada diante de uma análise do coeficiente dos sujeitos inseridos na narrativa, onde a sociedade não está pautada só no lugar deliberativo dos que têm mais poder, mas também dos corpos que compõem a sociedade e dão vida ao cenário social. A volta de Chabert ao anonimato, no final da trama, pode ser lido como essa denúncia da perda social de quando os sujeitos perdem os seus efeitos subjetivos e são trocados pelos títulos sociais.

Referências

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ASSIS, Machado de. **Obra completa**. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

BALZAC de Honoré. **Le Colonel Chabert**, suivi de Honorine et de L'Interdiction, Éditions Garnier Frères, Paris, 1964

BARBOSA, João Alexandre, **A Literatura Nunca é Apenas Literatura**. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_17_p021-026_c.pdf Acesso em: 11 ago 2022

BARTHES, Roland. **Aula**. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4537702/mod_resource/content/0/BARTHES_Roland_-_Aula.pdf. Acesso: 11 ago 2022.

BRECHT, Bertolt. **Antologia poética**. Rio de Janeiro: ELO Editora, 1982.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

OLIVEIRA, Humberto Luiz Lima de. **Le Colonel Chabert e os Tipos Representativos da Sociedade Francesa Pós Revolucionária**. Atas do Seminário Balzac, Salvador, p 39-46, 1999.

RÓNAI, Paulo. **Balzac e a Comédia humana**. 4ª ed. São Paulo: Globo, 2012.